

# A MOBILIDADE ACADÊMICA COMO POTENCIALIZADORA DA EDUCAÇÃO EM DIFERENTES ESPAÇOS

*Charlene Bitencourt Soster Luz<sup>1</sup>*  
*Hildegard Susana Jung<sup>2</sup>*  
*José Alberto Antunes de Miranda<sup>3</sup>*

## 1. Introdução

Diante de um cenário globalizado, as instituições de ensino superior estão formando profissionais e cidadãos para atuar em qualquer parte do mundo. Nessa realidade, a mobilidade acadêmica internacional revela-se, paulatinamente, como um dispositivo de aproximação de saberes e promotor de experiências transformadoras para estudantes e futuros profissionais. Chamada no senso comum por intercâmbio, a mobilidade acadêmica internacional proporciona que estudantes de diferentes nações estudem e vivam a realidade de um outro país por um espaço de tempo determinado. Nessa experiência internacional, os estudantes desenvolvem competências que podem contribuir para a sua atuação no mercado de trabalho globalizado e na convivência com diferentes culturas.

O estudante em mobilidade acadêmica internacional tem a oportunidade de experimentar situações pontuais como, por exemplo, o despertar da independência, o desenvolvimento de competências linguísti-

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade La Salle. Bolsista Capes - Prosuc. Professora de Logística, Administração e Recursos Humanos. Integrante do Grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. Contato: charlenebs@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade La Salle. Docente e coordenadora do Curso de Pedagogia da Unilasalle, pesquisadora e docente permanente do PPGE. Integrante do Grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. Contato: hildegard.jung@unilasalle.edu.br

<sup>3</sup> Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Assessor de Assuntos Interinstitucionais e Internacionais e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Direito e Sociedade além de integrar o corpo docente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle. Contato: jose.miranda@unilasalle.edu.br

cas, o estabelecimento de laços interpessoais, a adaptação com diferentes aspectos transculturais, etc. Além disso, viver com objetivo aparente de estudar em um país estrangeiro, constitui-se como uma experiência sensível, que ultrapassa os limites da técnica e implica reflexões éticas que acabam contribuindo no desenvolvimento de saberes subjetivos e enriquecedores, para uma vida pessoal comprometida com valores globais. Compreende-se essa experiência de atravessamentos subjetivos, culturais, territoriais e interpessoais como uma oportunidade de perceber não somente diferentes espaços educativos fora da sala de aula, como também distintas formas de aprender (FERREIRA, TEIXEIRA, 2010).

Nesse sentido, Butler (2018, p. 125) a reflete, a partir de uma ideia tomada de Heidegger, que “não apenas vivemos com aqueles que não escolhemos e em relação aos quais podemos não sentir uma sensação imediata de pertencimento social, mas também somos obrigados a preservar essas vidas e a pluralidade ilimitada que constitui a população global”. Se o “lar” é essa instância que se deixa para trás, para onde se vai, o que se atravessa ou ainda o que se pode carregar em si mesmo? Essa questão, levantada por Murphy-Lejeune (2000) situa a mobilidade acadêmica em um lugar de importância formativa capaz de transformar toda uma trajetória de vida. Dessa forma, assim como explica Gadotti (2006, p. 134), toda cidade educa, pois “[...] a vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só”. Por outro lado, a riqueza profissional e pessoal que as experiências de estudos no exterior podem exercer nas trajetórias de vidas de estudantes acabam influenciando as próprias universidades, em um movimento transcultural que afeta, inclusive, os currículos.

Nesse cenário, essa pesquisa, de abordagem qualitativa, objetiva analisar um programa de fomento à mobilidade acadêmica internacional de uma universidade comunitária da região metropolitana de Porto Alegre e seu potencial enquanto estratégia de educação em diferentes espaços. Trata-se de um estudo de caso baseado na observação, com coleta de dados em documentos institucionais e literatura pertinente à temática. Para a composição da pesquisa, os pesquisadores seguiram as orientações de Gil (2008, p. 133), o qual recomenda que a pesquisa qualitativa siga “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. Assim, na primeira etapa reunimos todo o material de pesquisa coletado em livros e artigos científicos, documentos legais e institucionais. Num se-

gundo momento, esse material foi categorizado, quando partimos para a sua interpretação. Assim, analisando-o à luz da teoria, foram surgindo as inferências que originaram à última fase, que foi a redação do artigo, trabalho que ocorreu de forma coletiva, uma vez que utilizamos o recurso Google Documentos, compartilhado entre todos.

## **2. A mobilidade acadêmica, o espaço educativo, a transculturalidade e a internacionalização do currículo**

A análise do edital do programa de incentivo à mobilidade acadêmica internacional da universidade em estudo demonstrou que a instituição apoia os estudantes na realização de intercâmbio por seis meses, com a isenção do pagamento de mensalidades por esse período. A universidade possui convênio com outras Instituições de Ensino Superior (IES) em 49 países, o que facilita aos acadêmicos escolherem o local de destino para a mobilidade. Até o início do mês de setembro de 2019, mais de 150 estudantes da IES em estudo já haviam participado do programa de mobilidade acadêmica. É possível perceber que as experiências transculturais se tornam significativas para os estudantes e inclusive para a Instituição, pois esta promove rodas de conversa com os estudantes que estiveram no exterior. Outro fator percebido é que a maioria dos acadêmicos que tiveram uma experiência internacional acabam trazendo um dos aspectos dessa vivência ao seu Trabalho de Conclusão de Curso.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da universidade em estudo traz uma política internacionalização que se consolida em três eixos, sendo eles: 1) formação acadêmica, programas de intercâmbio e mobilidade docente e discente; 2) acordos e convênios de cooperação internacional; 3) gestão e cultura da internacionalização. Com relação ao primeiro eixo, a IES assume o compromisso de estimular o intercâmbio nacional e internacional, promovendo a troca de experiências e a vivência de outras realidades. Neste eixo também existe alusão à internacionalização do currículo, à captação de recursos de agências de fomento internas e externas, bem como o acolhimento aos visitantes de outros países e/ou outras instituições. O segundo eixo traz uma preocupação com o trabalho em rede junto a outras instituições nacionais e estrangeiras, bem como o incentivo às pesquisas conjuntas. O terceiro eixo, por sua vez, está voltado ao planejamento, execução, acompanhamento e avaliação das ações de internacionalização, de forma a monitorar e acompanhar tanto os estudantes visitantes, como também os acadêmicos em mobili-

dade. Mais que isso, percebe-se que a IES busca o estabelecimento de uma cultura de internacionalização, a qual engloba o conhecimento e acolhimento de diferentes culturas, bem como distintas formas de educar para uma compreensão global.

A referida política flexibiliza a internacionalização do currículo, bem como a busca de práticas didático-pedagógicas que incentivem a transculturalidade, a aceitação do diferente e a ampliação da visão de mundo dos acadêmicos (STALLIVIERI, 2018; STALLIVIERI, 2017). Como explica Miranda (2014, p. 2), quando o incentivo parte da própria universidade, o acadêmico tende a sentir-se mais encorajado às experiências internacionais, o que também “contribui para a qualidade e relevância para a educação superior em um mundo mais interconectado e interdependente”.

Por outro lado, nem sempre a internacionalização precisa ocorrer com a presença física em outro país. Como pondera Knight (1993, p. 117), “[...] a internacionalização da educação superior é um processo que integra a dimensão internacional e intercultural no ensino na pesquisa e na extensão”<sup>4</sup>. Isso significa que, mais do que enviar acadêmicos ao exterior, trata-se de buscar a compreensão de que aprendemos com as diferentes culturas, com diferentes espaços e com diferentes pessoas. De acordo com Stallivieri (2018, p. 178), o maior desafio “ainda está no espaço da sala de aula: compreender que somos eternos aprendizes, que os estudantes, trazendo suas infinitas bagagens culturais nos ensinam os verdadeiros valores da cidadania global, da inclusão e da equidade social”.

Assim, apesar de a internacionalização ocorrer além-fronteiras, é possível usar recursos como a tecnologia para que essas fronteiras sejam transpostas e dessa forma se consiga oferecer experiências internacionais também àqueles que não possuem recursos econômicos para o deslocamento. É o que autores como Miranda e Fossatti (2018) denominam de *internacionalization at home*. Ou seja, recursos digitais são utilizados para que os estudantes tenham experiências internacionais, como aulas compartilhadas com grupos e/ou professores de outros países, viagens virtuais a museus, lugares históricos, etc.

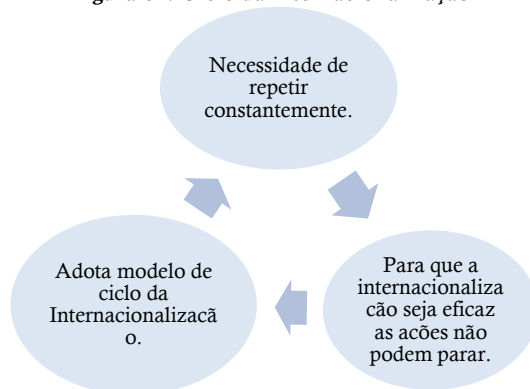
De acordo com Miranda (2014), o processo de internacionalização precisa ser contínuo, adotando um ciclo que o autor define por meio dos seguintes passos: conscientização, compromisso institucional, opera-

---

<sup>4</sup> Tradução livre dos autores.

cionalização, planificação, revisão das ações e reforço dos incentivos, como apresenta a figura 1, que segue.

**Figura 01: Ciclo da internacionalização**



Fonte: Os autores, a partir de Miranda (2014).

Entretanto, de acordo com Miranda e Stallivieri (2017), nem todas as universidades se encontram em pleno processo de internacionalização. Neste sentido, os autores desenvolveram estágios do processo de internacionalização, como apresenta o quadro 01, na sequência.

**Quadro 01: Estágios do Processo de Internacionalização**

Estágio 0 – Internacionalização é uma atividade isolada	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Existem alguns movimentos esporádicos;</li> <li>- Internacionalização tem uma conotação exótica;</li> <li>- Alguns atores da instituição viajam para participar de conferências;</li> <li>- Existe ensino de idioma estrangeiro</li> </ul>
Estágio 1 – Mobilidade estudantil	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consentimento das necessidades da internacionalização;</li> <li>- Compromissos de planejamento e implementação de programas diferenciais para reforçar a mobilidade dos estudantes;</li> <li>- Internacionalização é tida como um fim em si mesma.</li> </ul>
Estágio 2 – Institucionalização da internacionalização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Internacionalização ganha estrutura e estratégia;</li> <li>- Parcerias e alianças estratégicas;</li> <li>- A qualidade da internacionalização ganha mais atenção;</li> <li>- Perfil multicultural;</li> <li>- Nomeação de um gestor de relações internacionais.</li> </ul>
Estágio 3 – internacionalização da matriz curricular e das pesquisas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consentimento dos professores e gestores para internacionalizar a matriz curricular e as pesquisas;</li> <li>- Organização da mobilidade dos professores;</li> <li>- Internacionalização significa aperfeiçoar a qualidade do ensino;</li> <li>- Diferentes maneiras de internacionalizar a matriz curricular;</li> <li>- Coordenadores de pesquisas internacionais.</li> </ul>
Estágio 4 – comercialização da internacionalização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exportação de serviços educacionais;</li> <li>- Franquias de serviços educacionais;</li> <li>- Empreendimentos conjuntos;</li> <li>- Aliança estratégicas;</li> <li>- Criação de um órgão para promover a internacionalização (comercial);</li> </ul>

Fonte: os autores, baseados em Miranda e Stallivieri (217)

Reconhecendo a importância da cooperação internacional no contexto educacional, econômico, social e político do século XXI, a universidade objeto deste estudo elege a internacionalização como uma das áreas de enfoque de seu planejamento estratégico. Dessa forma, percebemos que, neste momento, encontra-se entre os estágios 2 e 3 em seu processo de internacionalização. Pois esta é vista como forma de desenvolvimento de novas competências, habilidades, atitudes e conhecimento para estudantes, docentes e discentes. O foco dessas ações é a dimensão humana e profissional, condizente com a missão dessa IES.

Neste cenário, Miranda e Fossatti (2018) compreendem a cooperação internacional, fundamentada na solidariedade e na igualdade, como um instrumento de superação de assimetrias entre povos, sistemas e instituições, bem como de construção de uma sociedade melhor e mais justa, sendo fundamental para a consolidação e a expansão da universidade e para o desenvolvimento sustentável do país no cenário global. Segundo os autores, o objetivo do encaminhamento desse processo na instituição é propiciar atividades inovadoras, tanto acadêmicas quanto extracurriculares, a pesquisa, a formação de mestres e doutores com experiências internacionais, a mobilidade de acadêmicos, docentes e cola-

boradores, os estudos de área, a assistência técnica, o treinamento intercultural e a pesquisa internacional conjunta.

Diante deste contexto, muitos desafios são esperados na universidade em estudo, principalmente ante a importância da gestão estratégica da internacionalização na educação no Brasil, que se tornou um foco importante de atenção internacional, nacional e institucional. Ela exige também a capacitação de gestores aptos a conduzir o processo de internacionalização diante da necessidade de se pensarmos interesses do Brasil nesse processo. A internacionalização visa melhorar os processos e atividades acadêmicas e extracurriculares resultando em inovação, mobilidade acadêmica de estudantes, de professores e colaboradores, estudos de área, assistência técnica, treinamento intercultural e pesquisa internacional conjunta. Para tanto, Stallivieri (2018, p. 167) compreende que o professor é uma peça chave enquanto “[...] facilitador do processo de internacionalização curricular e promotor de atividades que podem auxiliar o desenvolvimento de competências interculturais nos estudantes”. A autora explica ainda que, como competência intercultural compreende-se “[...] um conjunto de aspectos cognitivos, afetivos, comportamentais e habilidades e características que suportam a interação eficaz e adequada em uma variedade de contextos culturais” (STALLIVIERI, 2018, p. 167). Desse modo, trata-se, antes de mais nada, de aceitar a diversidade que se apresenta na aldeia global.

A partir da perspectiva descrita, pode-se pensar em cidades educadoras, países que educam e culturas que educam. Como explicam Gaddoti, Padilha e Cabezado (2004, p. 86): “aprendemos a olhar, a ver desde outro lugar, de outra maneira; dizemos também que temos que aprender a ouvir, a escutar com o coração para saber quem somos e para onde vamos”. A partir dessa perspectiva, podemos perceber a mobilidade acadêmica enquanto uma oportunidade preciosa de aprendizagem e de compreensão das distintas culturas.

### **3. Considerações finais**

A mobilidade acadêmica na educação superior tem por objetivo auxiliar no desenvolvimento do estudante global. Os educadores necessitam estimular os estudantes a terem experiências multiculturais. O aluno global precisa ser habilitado a ver-se a si a partir do outro. Entretanto, nem todas as IES brasileiras oferecem programas de mobilidade acadêmica internacional. Nesse sentido, é importante que sejam desenvolvidos

programas de gestão pedagógica para a internacionalização da educação superior de forma a permitir que os estudantes tenham uma formação abrangente sobre o mundo e sejam preparados para essas novas experiências.

A dificuldade da consolidação dos programas de mobilidade acadêmica no país se deve em grande parte a não haver uma política pública para a internacionalização da educação superior que defina, de forma equânime, parâmetros para todas as IES brasileiras, sejam públicas, comunitárias ou privadas, com relação ao que se quer para a formação do estudante brasileiro para o mundo globalizado. Esta determinação precisa levar em conta que grande parte dos estudantes brasileiros que se encontra na educação superior dificilmente terá condições de ter uma experiência internacional fora do país. É ainda uma elite que tem acesso a este tipo de experiência. Neste sentido, mais do que nunca, o Brasil precisa incentivar a gestão pedagógica para o desenvolvimento do estudante global por meio da aplicação das técnicas correspondentes à Internacionalização em Casa.

Por meio do presente estudo, foi possível perceber que a universidade em estudo tem se estruturado fortemente em torno de um programa de fomento à mobilidade acadêmica internacional, o qual está disposto nos documentos institucionais, inclusive o seu PDI, em forma de política de internacionalização. Dessa forma, observamos seu potencial enquanto estratégia de educação em diferentes espaços. Além disso, a mobilidade acadêmica oportuniza experiências transculturais aos estudantes e à instituição, colaborando para a flexibilização e internacionalização do currículo. Como continuação da pesquisa, pretendemos buscar mais dados empíricos que possam levar a boas práticas relacionadas à educação em diferentes espaços, numa perspectiva de inovação das práticas educativas.

#### 4. Referências

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

FERREIRA, I.; TEIXEIRA, A. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. **Sociologia**, Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, vol. XX, p. 331-350, 2010.

GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec**, Nova série, v. 1, n. 1, p. 133-139, 2006.



GADOTTI, M.; PADILHA, P.R.; CABEZUDO, A. **Cidade educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.

KNIGHT, J. Internacionalization Management Strategies and Issues. **Internacional Education Magazine**, v. 9, n. 1, p. 21-22, 1993.

MIRANDA, J.A.A. Gestão da internacionalização nas universidades da Associação Internacional das Universidades Lassalistas (IALU): Estrutura e pessoas. *In: XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU*, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil, 3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

MIRANDA, J. A.; STALLIVIERI, L. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 22, n. 3, p. 589-613, 2017.

MIRANDA, J.A.A.; FOSSATTI, P. Gestão da internacionalização da Educação Superior: desafios para o desenvolvimento do estudante global/Management of Higher Education internationalization: Challenges for the development of global students. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 23, n. 2, p. 273-289, 2018.

MURPHY-LEJEUNE, E. Mobilité internationale et adaptation interculturelle: les étudiants voyageurs européens. **Recherche & Formation**, v. 33, n. 1, p. 11–26, 2000.

STALLIVIERI, L. Estratégias para internacionalização do currículo: do discurso à prática. *In: LUNA, J.M.F. Internacionalização do currículo: educação – interculturalidade – cidadania global*, p. 157-176. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, 2ª edição.

STALLIVIERI, L. **Internacionalização e Intercâmbio**. São Paulo: Editora Apriss, 2017.

UNILASALLE. **Plano de Desenvolvimento Institucional**, PDI, 2018.

UNILASALLE. **Universidades Conveniadas**. Disponível em: <<https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/2c603768e86421b594cb56cde397a498.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2019a.

UNILASALLE. **Programa de incentivo à Mobilidade Acadêmica**. Disponível em: <[https://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Edital 19-2016 Programa de Incentivo à Mobilidade Acadêmica.pdf](https://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Edital%2019-2016%20Programa%20de%20Incentivo%20%C3%A0%20Mobilidade%20Acad%C3%AAmica.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2019b.

UNILASALLE. **Regimento**. Disponível em: <[https://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/UNIVERSIDADE LA SALLE - INTRANET - REGIMENTO UNILASALLE - 27 DE AGOSTO DE 2018.pdf](https://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/UNIVERSIDADE%20LA%20SALLE%20-%20INTRANET%20-%20REGIMENTO%20UNILASALLE%20-%2027%20DE%20AGOSTO%20DE%202018.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2019c.